



**Nini: façam
o que for,
o SNI
não será
atingido.**

O general Newton Cruz disse ontem que a imprensa (principalmente) e o grande público estão fazendo uma grande confusão quando afirmam que ele está invocando o Decreto-Lei nº 79.099 — que proíbe o pessoal da área de informações de prestar depoimentos — para nada declarar ao delegado Ivan Vasques sobre o caso Baumgarten.

“Este decreto não tem nada a ver comigo. Sequer me preocupa. As leis às quais me refiro sempre são outras. Uma é a lei que criou o SNI. A outra é o próprio Código de Pro-

cesso Penal. A primeira é muito clara quando diz que os servidores do SNI estão isentos de depor sobre as atividades do serviço. A segunda, em artigo de que não me lembro, afirma que qualquer pessoa está proibida de depor sobre segredos obtidos no exercício de sua profissão, o que inclui médicos, padres e o pessoal de informações. Não prestam atenção no que falo, aí dá essa confusão...”

Sobre as declarações do procurador-geral da República, Sepúlveda Pertence — feitas ontem na Escola Superior de Guerra —, de que os militares estariam confundindo segredo com impunidade, Newton Cruz disse que também o procurador está fazendo uma grande confusão. “Está todo mundo trocando gato por lebre.” E garantiu que irá depor, o que não é uma garantia de que irá falar. “Uma coisa é comparecer, outra é prestar depoimento. O curioso é que está todo mundo preocupado com ele (o depoimento), quando tudo o que eu tinha a dizer sobre esse assunto foi dito e publicado.”

Segundo o general Newton Cruz, as pessoas estão “criando problemas onde eles não existem”. E lembra que o Código de Processo Penal nasceu muito antes da lei que criou o SNI, em 1964. E que ambas são claras quando se referem à isenção de depoimentos públicos sobre determinadas funções exercidas em situações específicas. Ele não soube dizer se as leis que eximem os funcionários do SNI de prestar depoimentos foram inspiradas em outras já existentes em organizações semelhantes espalhadas pelo mundo. “Suponho que sim, mas não tenho certeza.”

— De qualquer forma, estão é desviando o assunto. O caso Baumgarten, por exemplo, não tem nada a ver com o que venho falando. Baumgarten é um problema da Polícia.

Fazendo um pequeno hiato sobre o assunto Baumgarten, o general deixa escapar uma queixa: “Quando é contra mim, todo mundo fala. Quando fui para a reserva, O Estado de S.Paulo fez um editorial que me deixou muito magoado. Tratou-me como se eu fosse um patife. Depois de 44 anos de serviço exemplar ao meu país, saio como se fosse um patife. O editorial chega a dizer, referindo-se a mim, que uma pessoa nunca havia servido tão mal à sua pátria. É por essas e mais outras que estou nesse caminho. Mas vão ter que me aturar até o fim...”

Para ilustrar melhor a sua tese de que só é atacado, o general conta que a ação movida contra ele pela Ordem dos Advogados do Brasil foi recentemente arquivada. “Como também foi arquivada a ação contra mim movida pelos deputados Aldo Arantes e Jacques Dornelles. Mas isso ninguém disse. Agora, não faltou espaço para me atingirem quando eu apenas cumpria a lei.”

Magda de Almeida